

QUANDO DOIS MAIS DOIS SÃO MAIS QUE QUATRO: SUCESSO DE ALUNOS, DE ESCOLA DA PERIFERIA, QUE SÃO ACADÊMICOS DA LICENCIATURA PLENA EM MATEMÁTICA DA UFPEL

NÁDIA REGINA BARCELOS MARTINS¹; DR. MARIA DE FÁTIMA DUARTE
MARTINS²

¹ Universidade Federal de Pelotas. E-mail: nadiabarcelosmartins@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas. E-mail: duartemartinsneia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No dia 29 de dezembro de 2004, foi fundada no bairro Getúlio Vargas da cidade de Pelotas, RS, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Mário Meneghetti. A construção da escola foi o resultado de movimentos sociais do bairro que exigiram a construção de um novo espaço escolar, pois a única escola que existia no bairro – Escola Municipal Getúlio Vargas – não contemplava as necessidades locais. É nesse local e nesse bairro que o estudo que aqui apresento está sendo desenvolvido.

Esse trabalho tem por objetivo relatar a trajetória de quatro alunos da escola e moradores do bairro que hoje são acadêmicos do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas.

Furtos, assassinatos, prisões, tráfico, tiroteios e mortes de alunos ou de seus familiares fazem parte do cotidiano do bairro transformando-o em um dos “lugares mais perigosos da cidade”. Nossa realidade reflete-se na escrita de ABRAMOVAY (2005), quando esta menciona que “como se percebe, as características econômicas e sociais do bairro e da comunidade, ao lado dos episódios concretos de violência, são fatores que alimentam medo, comprometendo o clima escolar”. Isto implica na grande negação, por parte dos professores de trabalhar neste educandário.

De acordo a pesquisadora ABRAMOVAY (2005) os “diretores dizem que quando a comunidade é *violenta*, isso influi no comportamento dos alunos, trazendo para dentro da escola a lei do mais forte, aquela que predomina na rua.” Em outras palavras, o discente reflete dentro de seu educandário o que é na rua. Se por acaso for o “braço direito” do chefe do tráfico, será temido, respeitado pelos demais colegas; podendo apenas encontrar quem o desafie, se houver algum estudante que pertença a um grupo rival do mesmo.

Em uma reportagem no jornal de maior tiragem da cidade, dois jornalistas, HALPERN E PIEGAS (2013), relataram que houve cinco assassinatos no bairro Getúlio Vargas, em aproximadamente oito meses, o que representa um dos maiores índices se comparado com os crimes ocorridos em outras localidades. Desses óbitos, três casos são familiares de nossos alunos. A maioria dos crimes ocorre em decorrência do uso do crack ou similares. São dívidas pagas com a própria vida.

Embora os dados acima citados apontem para uma realidade dura, percebe-se que a escola, no interior desse espaço considerado violento, proporcionou oportunidades de estudo e de socialização para muitas pessoas dessa comunidade. Para CHARLOT (2005) existem escolas violentas em bairros calmos e escolas calmas em bairros violentos, para o autor não há estigmas. Essa frase permite-nos pensar a Escola Mário Meneghetti como uma escola calma em um bairro violento.

Mobilizada por essas pessoas, que acreditam que a escola é um espaço de aprendizagem e, que embora permeado pela violência da sociedade e, mais

proximamente do seu bairro, pode promover melhores condições de vida social e individual e ser realmente um espaço de aprendizagem, é que esse estudo está sendo realizado. Nesse local onde transitam pessoas das mais diversas identidades é que procurei nos meus ex-alunos da escola, aqueles que optaram por seguir a minha profissão e tecer junto a eles um texto sobre suas trajetórias desde o Ensino Fundamental até o Curso de Licenciatura em Matemática.

Quatro jovens, dois do sexo masculino e duas do sexo feminino são os quatro ex-alunos que circulam pelos mesmos corredores do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pelotas, caminhos que em alguns anos atrás já percorri. É a história de sucesso destes quatro discentes que almejo retratar em minha pesquisa.

Esse estudo foi aprovado na seleção de Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pelotas, e está em sua fase intermediária.

2. METODOLOGIA

Para realizar essa pesquisa sobre meus quatro ex-alunos da escola, hoje estudantes do curso de Licenciatura Plena em Matemática, da UFPel, pretendo coletar informações de suas trajetórias desde a 5^a série até os dias atuais com o intuito de conhecer a partir de suas falas como experimentaram esse tempo em que foram atrás de um sonho, suas expectativas, medos, anseios etc. Para essa finalidade será realizada uma entrevista semi-estruturada, que será gravada e posteriormente decodificada e analisada. Considera-se esses alunos como referência em sucesso escolar, pois o índice de alunos dessa escola que chegam à Universidade é de 1,7% aproximadamente.

O conceito de sucesso escolar será problematizado nesse estudo. Há incertezas relacionadas à definição do conceito de fracasso escolar. Alguns autores remetem-se ao fato dos alunos reprovarem na escola, outros relacionam à falta de estrutura familiar, bem como a inexistência de capital cultural oriundo das mesmas. Ainda tem quem defenda que as condições sociais e discriminatórias em que vivem jovens e crianças é o principal fator que os faça evadir das escolas ou terem baixos índices de aproveitamento.

CHARLOT (2005) menciona que “nunca os sociólogos mostraram, nem disseram, nem pensaram que a família é a causa do fracasso escolar. Muitos docentes estão pensando que essa ciência mostrou que a família é a causa do fracasso escolar”. Dessa forma afirma que “a posição que uma criança ocupa na sociedade ou, mais exatamente, a posição que seus pais ocupam não determina diretamente seu sucesso ou fracasso escolar” (CHARLOT, 2005).

LAHIRE (1997) relata que “a descrição fina da configuração familiar da criança permite realmente ver que o “fracasso escolar” de uma criança não está necessariamente associado à “omissão dos pais”, mas, neste caso preciso, a uma distância grande demais em relação às formas escolares de aprendizagem e de cultura” (LAHIRE, 1997).

Para complementar os dados sobre o bairro e a escola, se utilizará de jornais locais e de documentos da escola. As notícias locais veiculadas na mídia escrita que tratam do bairro Getúlio Vargas e da escola servirão para complementar dados coletados nas entrevistas orais realizadas com membros da comunidade. Também serão documentos de estudo o Projeto Pedagógico, o Regimento Escolar e

fotografias do acervo escolar. O uso deste material terá como uma de suas finalidades comprovar o comprometimento do educandário com a comunidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo está em andamento e nesse artigo apresentam-se alguns resultados iniciais. Foi realizada uma entrevista piloto, com o objetivo de avaliar a consistência das perguntas, assim como o tempo necessário para aplicá-las. A entrevista está organizada em cinco eixos: o Bairro Getúlio Vargas, a Escola Mario Meneghetti, trajetória percorrida após a saída dessa escola e passagem pelo Ensino Fundamental, a entrada na Universidade, participação da família nesse processo.

De acordo com um dos ex-alunos da Escola Mário Meneghetti, hoje acadêmico de Matemática, que participou da entrevista piloto, foi possível perceber, embora ainda sem uma análise mais profunda como, nesse caso, as características de uma localidade não são fatores que contribuem para o abandono dos estudos por parte de uma pessoa. Segundo B.B.

“inicialmente eu não penso que um bairro tenha características pra que uma pessoa chegue onde queria. Acredito eu, que uma pessoa que está na faculdade, por exemplo, é pelo esforço dela. Então o bairro, pode ser... qualquer bairro, pode ser violento, pode ser um bairro calmo, isso não vai influenciar de modo que vá impedir uma pessoa de fazer o que ela queria. Uma pessoa vai chegar onde ela quer por mérito dela, não por causa do bairro. O bairro nem influencia muito nisso”.

Quanto à importância da Escola Mário Meneghetti em sua vida, o aluno foi sucinto ao citar que

“a base que a escola me deu foi muito forte, tanto que no ensino médio tinha muita coisa que eu sabia que os professores tiveram que explicar para os outros colegas por causa que eles não sabiam, principalmente naquela questão da matemática de trinômio quadrado perfeito e produto notável. (...) E eu nunca tive dificuldades no ensino médio devido a essa base forte que eu tive” (B.B).

Ao relatar sobre sua chegada no ensino superior, o menino salientou que

“eu tinha meu ego inflado, porque as pessoas falavam que eu era o melhor da turma. Aí eu cheguei assim num local, onde eu estou entre pessoas que provavelmente estão no mesmo nível que eu. (...) Depois em relação ao que mais me assustou foi assim... as pessoas falando não sei o quê, cálculo é difícil é isso, é aquilo...” (B.B).

Sobre a contribuição de sua família para a continuidade em seus estudos, no ensino superior, mencionou que

“bom... inicialmente quando falavam assim, perguntavam o que tu vais fazer quando terminar o ensino médio... eu respondia direto: vou fazer faculdade. Aí eles não, mas faculdade é pra gente rica, faculdade tu não vai conseguir fazer. E eu, mas como não? Vou sim. Não, mas tu não vai conseguir fazer, não vai fazer... Aí foi que essa ação negativa deles teve um resultado

positivo em mim. Eu tive que mostrar para eles mesmos e para mim mesmo que eu vou conseguir" (B.B).

4. CONCLUSÕES

Enquanto docente, sempre procurei incentivar minhas turmas para que prosseguissem seus estudos. Tentei fazer tudo que pude para motivá-los a continuar, pois somente o conhecimento pode remeter-nos a novos horizontes. Concordo com ABRAMOVAY (2005) quando fala que

A valorização e o incentivo para que os alunos insistam em continuar estudando, ter algum projeto de mobilidade, contribuem para elevar a autoestima do indivíduo, favorecendo assim a melhoria das relações sociais na escola. As expectativas positivas sobre os alunos podem colaborar para a mudança das relações, tornando-as mais amistosas e tendo impactos significativos no processo de ensino-aprendizagem. (ABRAMOVAY, 2005)

É necessário auxiliar os discentes nas oportunidades que surgirão em seus caminhos. E, se por acaso estas não aparecerem, é papel dos (as) professores (as) oferecer aos alunos informações que os levem até elas. Muitos pais e os próprios estudantes veem na escola a abertura de portas para melhorarem sua condição financeira e como possibilidade de escolher uma profissão, seja através da continuidade dos estudos ou na inserção no mercado de trabalho. Na esteira dessa afirmação, BENATI (2005) ressalta que:

De modo geral, a sociedade espera que a escola cumpra o papel de qualificar os alunos para o mercado de trabalho e, com escolaridade, garantam emprego e um melhor nível social (...) nas camadas sociais mais pobres que veem na escola o único caminho para uma ascensão social. O sucesso nos estudos seria a grande oportunidade oferecida a todos para eliminar muitas desigualdades sociais. (BENATI, 2005)

De acordo com essa primeira entrevista, pode-se inferir que é provável que os familiares e os professores destes quatro estudantes foram elementos fundamentais para que os mesmos chegassem à Universidade. Conforme B.B, a escola foi à responsável por uma base forte que o incentivasse a ter sucesso no ensino médio, e, consequentemente, no ensino superior.

Esse estudo pretende dar voz a essa comunidade e a esses quatro ex-alunos para conhecer suas experiências, no sentido daquilo que os constituiu ex-alunos da escola Meneghetti e hoje alunos do Curso de Licenciatura em Matemática. O bairro, a família e escola foram fundamentais para dar corpo e alma para este trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, Miriam (coord). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404 p.
- BENATI, Magda Raquel Glienke. **Sucesso escolar na zona escolar: as razões do improvável**. Revista Alfabetização e Letramento. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v.1, n.1, 2005. 342 p.
- CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HALPERN, Bruno, PIEGAS, Cíntia. **Como reduzir a violência?**. Diário Popular, Pelotas, 23 dez. 2013. Criminalidade, p. 2-3.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.